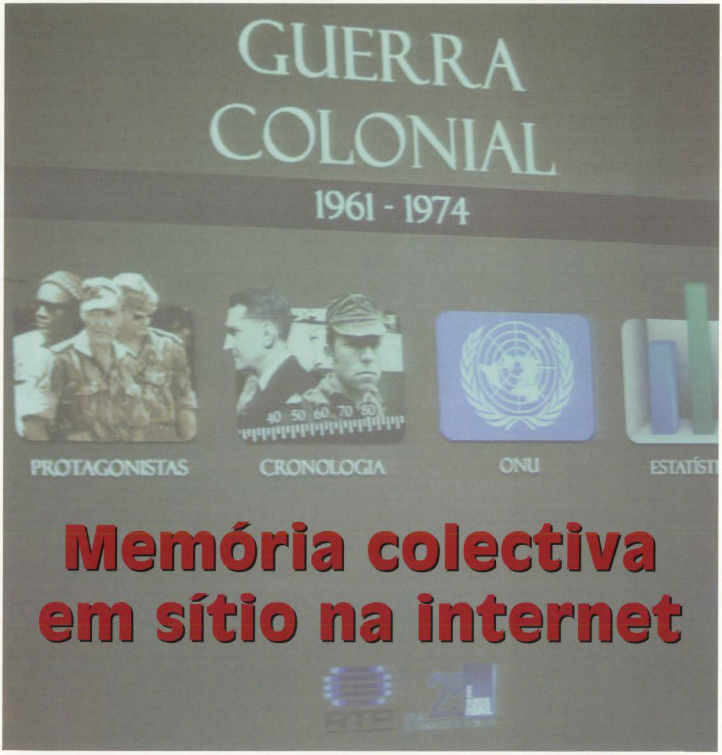
Na morte de
Carlos Camilo, Bicho Beatriz, Silvino Nazaré e Rafael Durão

referencial

Boletim da Associação 25 de Abril ■ Director: Pedro Pezarat Correia ■ N.º 92 ■ Outubro – Dezembro 2008



Memória colectiva em sítio na internet

Referencial

Propriedade: Associação 25 de Abril
Pessoa colectiva de utilidade pública (Declaração n.º 104/2002, Diário Série, n.º 71 de 19 de Abril) • Ministério Ministérios da Tutela da Juventude

Presidente da Direcção:
Vasco Lourenço

Director:
Pedro Pezarat Correia

Editor:
José António Santos

Fotografia:
Fernando Farinha (editor)
Nuno Augusto
Agência Lusa

Colaboradores:
Artur Custódio da Silva,
David Martelo, Fernando da Vaza Pinheiro, João Magalhães,
José Barbosa Pereira, José Fontão,
Luís Galvão (Bridge),
Luís Vicente da Silva (cartoon),
Manuel Loff, Maria Manuela Cruzeiro, Nuno Fisher Lopes Pires,
Nuno Santa Clara Gomes

Sede nacional, Administração e Redacção
Associação 25 de Abril
Rua da Misericórdia, 95
1200-271 Lisboa
Telf.: 21 324 14 20
Fax: 21 324 14 29
E-mail: a25a.sec@25abril.org
www.25abril.org

Delegação Norte
Escadas do Barredo, 120 R/C Esq.º
4050-092 Porto
Telf./Fax: 22 203 11 97
E-mail: a25a.del-norte@25abril.org

Delegação Centro
Apartado 3041
3000 Coimbra
E-mail: a25a.del-centro@25abril.org

Delegação do Alentejo
Bairro da Esperança, Edifício 2, Bloco 3 - loja, r/c
7560-145 Grândola
E-mail: a25a.del-alentejo@25abril.org

Delegação do Canadá
153 Hamilton St
Toronto-Ontario M4M 2C9

Execução Gráfica
Estúdio Gráfico 21 - Artes Gráficas, Lda.
Av. Irene Lisboa, 32 - Armz. F
Alto do Forte
2635-001 Rio de Mouro
Telf.: 219 199 174 / 5
Fax: 219 199 176

Tiragem: 4000 Exemplares

Distribuição gratuita

Depósito legal n.º 32 998/89

Barak Obama

Não quero silenciar, neste espaço da A25A, o que considero o facto político mais relevante na política mundial nos primeiros anos do século XXI: a entrada na Casa Branca, como presidente dos EUA, de Barack Obama. Partilho a esperança generalizada, por vezes até carregada de hipocrisia quando oriunda de gente que apoiou os piores actos de George Bush e gostaria de ter visto a sua política ratificada numa vitória republicana. Mas também sei que não me vão escassear razões de frustração porque, parafraseando Ortega y Gasset, Obama é ele e a sua circunstância, isto é, ele e a realidade de uma sociedade contraditória, de uma elite política conservadora, de lobies poderosos, de uma lógica imperial dominante. A forma como abordou a criminosa aventura israelita em Gaza é o primeiro sinal. Talvez, no fundo, a minha esperança se confunda com o alívio do fim do pesadelo da "era Bush".

Mas quero referir-me ao "fenómeno Obama" numa perspectiva diferente que, até certo ponto, tem a ver connosco aqui, na A25A.

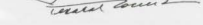
Em primeiro lugar, a eleição de Obama, para lá das suas inegáveis virtudes, tem um precursor sem o qual, presumivelmente, ainda seria demasiado cedo para um homem como ele ser presidente dos EUA. Esse precursor chama-se Nelson Mandela, cuja postura, sentido de Estado, dimensão humana, equilíbrio político, arrasaram, em todo o mundo, os preconceitos raciais quanto à capacidade política de um homem só por ser negro. Depois de Mandela, que se impôs na sociedade em todo o mundo mais marcada pela segregação racial, os dirigentes negros deixaram de ser encarados no ocidente como folclore político apenas tolerável para as sociedades negras e passaram, como os amarelos, brancos ou vermelhos, a ser avaliados, positiva ou negativamente, pelos seus actos e não mais pela condição étnica. Barack Obama foi a expressão, nos EUA, deste caminho aberto por Nelson Mandela. Nós, na A25A, sabemos que o 25 de Abril contribuiu para abreviar o fim do *apartheid* na África do Sul e a chegada de Mandela ao poder.

Segunda reflexão que a eleição de Obama me sugere. Com a era pós-gâmica, como classifica Arnold Toynbee a que se iniciou no séc. XVI, começou a vertiginosa expansão do poder branco à dimensão planetária, num projecto imperial que o avanço tecnológico e as revoluções industriais favoreceram. Primeiro no Extremo Oriente com o apogeu do império britânico, complementado pelas possessões francesa, holandesa, espanhola e as parcelas residuais do antigo império português. Depois a integral colonização do chamado "Novo Mundo", Américas e Oceânia, onde o homem branco se impôs recorrendo a brutais genocídios e empresas escravocratas, de tal forma que, mesmo quando estas colónias se emanciparam das metrópoles europeias nos finais do séc. XVIII e princípios do XIX, na era das revoluções francesa e norte-americana, deram lugar a Estados assentes

no domínio de minorias brancas e crioulas (estas na América Central e Andina), mantendo os índios e os negros arredados do poder e, até, da cidadania. Nos meados do séc. XIX o domínio branco estendeu-se à Ásia central através do expansionismo russo e, nos finais desse século, subjugou a África Subsahariana, partilhada pelas potências da Europa ocidental no banquete da Conferência de Berlim. Com a derrota do Império Otomano na I Guerra Mundial do séc. XX e chegada a era do petróleo, cumpre a última etapa da sua ambição, dividindo entre franceses e britânicos o bolo do norte de África e da Península Arábica. O homem branco dominava todo o planeta com algumas excepções na Ásia, que mesmo assim não escapavam ao braço longo do seu poder.

Foi com o fim da II Guerra Mundial que começou o recuo do homem branco em todo o mundo, de tal maneira que, até a sua própria casa europeia começa a coabitá-la com os povos que o acompanharam no regresso das caravelas. Foi primeiro o fim dos impérios coloniais asiáticos, depois no Médio Oriente e norte de África. Seguiu-se a África Subsahariana mas só se estende à África Austral depois de 1974, porque o Portugal de Abril compreendeu os novos tempos e conseguiu neutralizar algumas tentativas retrógradas de independências lideradas por minorias brancas, que não perceberam que modelos neo-coloniais eram irrealistas, deslocados e ultrapassados pela dinâmica descolonizadora do século XX, protagonizada por movimentos nacionalistas. Por fim, já no séc. XXI, o recuo do homem branco atinge o continente americano. Nos subcontinentes central e do sul assiste-se ao fenómeno do indigenismo, assim se chamando à emergência de movimentos políticos e sociais apoiados nas comunidades índias que chegam ao poder e colocam seus líderes em lugares decisivos. Nos EUA a chegada à Casa Branca, pela primeira vez, de um "não-wasp" (white, anglo-saxon, protestant), não resulta de um predomínio negro ou índio, estes limitados a algumas comunidades residuais. Mas não deixa de traduzir, ainda que conjunturalmente, o fenómeno global do recuo do homem branco. Talvez não por acaso quando a globalização, projecto de afirmação e perpetuação por outros meios do seu domínio, dos seus padrões e comportamentos a nível mundial, atravessa uma gigantesca crise que a sua própria lógica gerou e enfrenta fortes movimentos sociais de contestação anti-globalização.

Estamos, de facto, em tempos de mudança e é esse o significado profundo da eleição de Barack Obama ■



WWW.GUERRACOLONIAL.ORG

Nuno Aggeath

O site foi apresentado por Pedro Lauret (foto) e por Pezarat Correia, director de *O Referencial*

WWW.GUERRACOLONIAL.ORG

Exercício de cidadania

A ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL promoveu o lançamento do site Guerra Colonial (www.guerracolonial.org), em cerimónia pública na Academia Militar (Amadora), no dia 4 de Fevereiro de 2009, precisamente 48 anos depois do assalto a uma esquadra em Luanda por nacionalistas angolanos, naquele que é considerado como o primeiro acto dos movimentos nacionalistas africanos e, por isso, historicamente assumido como o início da guerra colonial.

O ministro da Defesa Nacional, Nuno Severiano Teixeira, que presidiu à cerimónia, elogiou a iniciativa da Associação 25 de Abril em colaboração com a RTP, e classificou-a como "um exercício de cidadania".

Nuno Severiano Teixeira lembrou que a Guerra Colonial marcou "um período tão importante da história portuguesa" e que o lançamento deste site constitui "um exercício de cidadania e reveste-se de importância para a divulgação da memória colectiva dos portugueses".

Ao congratular-se com a iniciativa que entende ser "importante para as gerações mais jovens", Severiano Teixeira apontou o novo site como um instrumento importante para fazer chegar à juventude aquele período da nossa história colectiva.

Também por isso, o ministro da Defesa Nacional sugeriu que o site constitua "espaço de encontro" e de reconciliação com a História.

Igualmente presente na cerimónia, o ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago, criticou "o memorialismo fraco e incipiente do nosso país", mas que, acredita "começa a emergir".

Os dois membros do Governo sugeriram a possibilidade de outras organizações congéneres desenvolverem projectos no mesmo sentido, incorporando a visão dos países onde a guerra teve lugar.

A cerimónia de lançamento do site contou ainda com a presença do presidente da Associação 25 de Abril, Vasco Lourenço, do presidente do Conselho de Administração da RTP, Guilherme Costa, do chefe de Estado Maior do Exército, general José Luís Pinto Ramalho, entre outras personalidades que colaboraram no projecto (ver páginas seguintes).

A informação estatística, os protagonistas, a cronologia dos anos da guerra, as resoluções da ONU relativas a Portugal, módulos com fotografias, animações e filmes, muitos deles do arquivo da RTP, são outras matérias que complementam os textos alojados no site, sendo uma boa parte desses textos da autoria de dois dos maiores especialistas no estudo da Guerra Colonial, os coronéis Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes.

A construção e produção do site foi possível graças a financiamento do POSC (Ministério da Ciência Tecnologia e nsino Superior, da Caixa Geral de Depósitos, do Ministério da Defesa Nacional e do Ministério da Educaç\ao e da colaboração desinteressada de Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes. ■

Nota da Direcção

A edição deste número de *O Referencial*, embora relativa a Outubro / Dezembro de 2008, só foi possível ser finalizada na primeira metade de Fevereiro de 2009. Por esta razão, a Direcção entendeu, incluir neste número a reportagem do lançamento do site da Guerra Colonial.

O Referencial pede desculpa aos seus leitores pelo involuntário atraso na publicação deste número, e espera retomar a periodicidade normal com a edição de Janeiro / Março 2009 já com nova roupagem...

Nuno Augusto

A mesa que presidiu à apresentação do site, quando usava da palavra o ministro da Defesa Nacional. Na foto, reconhecem-se o presidente da RTP, Guilherme Costa, o ministro Mariano Gago, o CEME, general Pinto Ramalho, e Vasco Lourenço

WWW.GUERRACOLONIAL.ORG

O site da A25A sobre a Guerra Colonial

PEDRO CUNHA LAURET

OS FUNDADORES DA A25A distinguem-se por terem participado e, muitas vezes, assumido papéis do máximo relevo em importantes acontecimentos da nossa história recente: Guerra Colonial, conspiração e acção militar do 25 de Abril, derrube da ditadura, período de transição para a democracia e sua institucionalização.

É natural, portanto, que a A25A assuma como imperativa a missão de divulgar a nossa história contemporânea. Ao longo destes últimos anos conseguiu a A25A, em cumprimento desta sua missão, levar à prática um programa estruturado e sistemático de divulgação histórica.

Neste programa foi considerada do maior relevo a colocação de conteúdos na Internet.

Em 2006 foi lançado o site sobre o 25 de Abril e sua história, destacando-se hoje como uma das mais importantes peças disponíveis na rede global sobre a matéria. O número de acessos que já gerou e a colocação de topo como aparece referenciado quando se acede, por palavras-chave, através dos mais conhecidos motores de busca, o confirmam.

A colocação na Internet de conteúdos substantivos sobre a Guerra Colonial era uma exigência. Há inúmeros sites e blogues dedicados ao tema, mas, a esmagadora maioria tem uma abordagem particular de relato de experiências pessoais ou de memórias de unidades militares que prestaram serviço em África.

O site que a A25A lançou no passado dia 4 de Fevereiro, tem como objectivo disponibilizar na Internet conteúdos rigorosos, abrangentes e informados sobre a guerra que os portugueses travaram durante treze anos nos teatros de operações de África.

A possibilidade de utilização da obra dos nossos camaradas coronéis Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes permitiu encarar o desenvolvimento do site com a segurança que um texto daquela qualidade, o melhor do que até então já se fizera, assegura.

O desafio que se colocava era como transpor um livro de seiscentas páginas para uma linguagem adequada ao novo meio de comunicação, transformando-o numa nova realidade em termos comunicacionais.

A colaboração e disponibilização de imagens de arquivo da RTP foram decisivas para ilustrar o texto, mas só por si não eram suficientes. Foi necessário conceber um vasto conjunto de pequenos módulos, de conteúdos seleccionados, com imagem e funcionamento atractivos, tecnologicamente desenvolvidos em suportes tecnológicos actualizados.

O web design foi também uma das principais preocupações. O facto de o tema tratado ser uma guerra, em que a maioria dos seus participantes ainda se encontram vivos, impunha um tratamento de sobriedade e rigor, mas simultaneamente com elementos de proximidade e de emotividade. A escolha de uma peça de camuflado como elemento essencial, e dele extrair a paleta de cores de todo o site foi a solução encontrada.

O site, tal como a obra em que se apoia, trata a guerra colonial de uma perspectiva temática,

Bibliografia e colaborações

O site Guerra Colonial é baseado na obra: "Guerra Colonial" de Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes,
Direcção editorial: Alexandre Manuel – Diário de Notícias.

Nesta obra além dos textos dos autores colaboraram:
Adriano Moreira, António José Telo, David Martelo, Diana Andringa, João Falcão de Campos, José Matos Cruz, Josep Sanchez Cervelló, Luís Salgado de Matos, Nuno Santa Clara Gomes, Rosário Simões, Rui de Azevedo Teixeira.

Outras colaborações

RTP - Gabinete Multi-Média e Arquivo
RTP - Rádio e Televisão de Portugal

Textos de apoio aos vídeos

Coronel Infantaria José Aparício,
Coronel Artilharia Eduardo Abreu,
Coronel Piloto Aviador José Luís Villalobos Filipe, Capitão-de-mar-e-guerra Pedro Lauret.

Outras fontes

Dicionário da História do Estado Novo – Fernando Rosas, José Maria Brandão de Brito; *Armamento do Exército*, António José Telo e Mário Álvares; *Dicionário de Navios*, Adelino Rodrigues da Costa, Edições Culturais de Marinha.

Fotos

Fernando Farinha; Biblioteca Central de Marinha – Arquivo de Marinha

Equipa Técnica

Concepção - Coordenação Geral: Pedro Lauret
Pré-produção: Luís da Matta Almeida
Coordenação de Conteúdos: Pedro Lauret e António Calado
Arquitectura da base de dados: Pedro Lauret e Guimarães Martins
Desenvolvimento da base de dados: Guimarães Martins
Módulos de flash e gráficos: Pilot Design: João Champlon, Vitalyi Kasyanov
Programação site, web design, base de dados: Prodigentia Tecnologias de Informação
Animação inicial – *Salto para o desconhecido*
Director criativo, guionista, produtor e realizador: Luís da Matta Almeida
Música e Estúdio de Som: Fernando Mota
Coreografia e Interpretação: Marta Cerqueira
Rotoscopia, mancha gráfica e animação: Rui Cardoso, Joel Cardoso, Toonelada Lda.
Montagem: Luis da Matta Almeida, Zeppelin Filmes Lda
Pós-produção de imagem: João Champlon, Pilot Design Lda.
Produção: Zeppelin Filmes Lda

Nuno Augusto

Aniceto Afonso e Matos Gomes, autores de boa parte do conteúdo do site

podendo ser encontrados os desenvolvimentos dos seguintes temas:

- Portugal no pós II Guerra Mundial
- O contexto internacional
- As resoluções da ONU
- Doutrinas
- Cenários
- Organização e dispositivo
- Forças Portuguesas
- Forças dos Movimentos de Libertação
- Armas
- Operações
- Quartéis e quotidiano
- Feridas de guerra
- Cerimoniais
- A Guerra nas artes e letras
- Protagonistas
- Cronologia

Ainda em colaboração com a RTP foi lançada uma página, alojada no seu site, com troca de links, em que são disponibilizadas versões integrais de mais de 40 documentários e vídeos, de época e actuais, sobre a guerra colonial e temas afins. Nele estão incluídos os mais recentes trabalhos de Joaquim Furtado e Diana Andringa.

Este site com a actual estrutura constitui um fim de uma etapa. Muitos novos desenvolvimentos se podem perspectivar. As intervenções dos ministros da Ciência Tecnologia e Ensino Superior e da Defesa Nacional na cerimónia de apresentação pública, sugerem linhas de desenvolvimento futuro e prometem os apoios necessários. Ideias de novos caminhos a seguir e apoios parecem não faltar, mas todos nós bem

Nuno Augusto

Os ministros da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e da Defesa Nacional foram recebidos na Academia Militar pelo seu comandante, general Paiva Monteiro

WWW.GUERRACOLONIAL.ORG

O site da A25A sobre a Guerra Colonial

O chefe do Estado-Maior do Exército faz as honras da casa na AM, na Amadora

sabemos que entre a ideia e a sua concretização há um abismo, assim tenhamos capacidade de transformar a ideia em obra.

Como responsável pela proposta deste site e responsável pela sua execução não escondo a satisfação pelo resultado final. Os reconhecimentos públicos dos mais altos responsáveis pelas instituições que nos apoiaram não nos deixam indiferentes.

Entendo que a A25A presta aos cidadãos em geral, aos ex-combatentes e ao sistema de ensino em particular mais um valioso serviço.

Além deste serviço público a A25A vem à praça pública tratar um tema difícil da nossa História recente, de forma digna e objectiva, retirando espaço àqueles que durante anos se serviram do tema da Guerra Colonial para combater o 25 de Abril e encapotadamente fazer a defesa da ditadura.

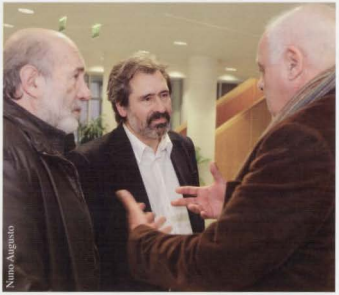
Na página 6, enumeram-se as colaborações e equipa técnica, permitindo-me desta tribuna endereçar-lhes o meu agradecimento. Sem eles este site não teria sido possível. ■

Aspecto geral durante a apresentação do site no anfiteatro da AM, na Amadora

O presidente da RTP no uso da palavra

Vasco Lourenço durante a sual alocução

Vítor Crespo e Aniceto Afonso



Adelino Gomes, Joaquim Furtado e Carlos Matos Gomes

Vasco Lourenço (A25A) e Guilherme Costa (RTP) são os rostos que tornaram possível o www.guerracoplonial.org

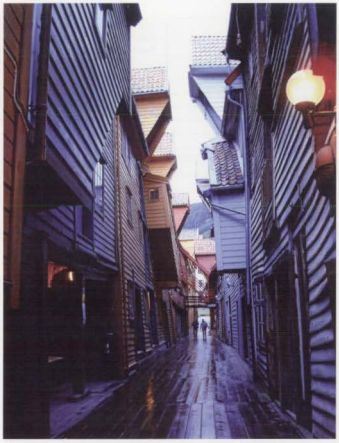
BIBLIOTECA A25A

Bibliografia sobre Descolonização e Colonialismo

No seguimento da publicação da bibliografia sobre a "Guerra Colonial", disponível na nossa Biblioteca, publicamos agora a bibliografia também disponível sobre os temas "Colonialismo" e "Descolonização". Relembramos que os interessados podem proceder à sua consulta, de acordo com as regras que publicamos na página 14. Reiteramos o apelo para nos ajudarem a completar o nosso acervo bibliográfico, bem como elaborar uma bibliografia sobre estes temas o mais completa possível.

Título	Autor	Edição
World Conference Against Apartheid and Colonialism in Southern Africa Apartheid, Racism and Colonialism in Southern Africa		Portuguese National Committee Against
As Colónias Portuguesas		David Corazzi
Os Crimes de Mobutu		Casa de Angola
Sou Timorense - Testemunhos de Timor-Leste		
Timor-Leste: Uma Luta Heróica		
Angola - A Verdade Sobre a Luta do Povo Angolano		Edições DIP/MPLA
The Eritrean Revolution - 16 Years Of Armed Struggle		The Elf Foreign Information Centre
Angola: a Tentativa de Golpe de Estado de 27 de Maio de 77		Edições Avante!
A Nossa Vitória É Apenas Questão de Tempo		Edições Comité 28 de Novembro
Acusamos a Descolonização		Literal – Selecta
O que é o Fraccionismo		Depart. de Orientação Revolucionária
25 de Setembro Dia da Revolução Moçambicana		Revolução Proletária
Photos of East Timor/De Timor-Este		A Paz é Possível em Timor-Leste
Pela Unidade Nacional, Paz e Progresso Social		DIP/MPLA
Nas Hostes dos Assassinos do Povo UPA/FNLA/Unita a Corrupção é Constante		DIP/MPLA
A Konkhava de Feti	Abranches, Henrique	Edições 70
Livro Negro da Descolonização	Aguiar, Luiz	Editorial Intervenção
Julgamento dos Responsáveis	Aguiar, Luiz	Editorial Intervenção
Os Princípios do Pan-Africanismo	Akinde, Charles Olapido	Editorial African Studies
Estado Português da Índia Eventos da Década de Cinquenta Anterior à Invasão do Estado pelas Forças Armadas da União Indiana dm 18 De Dezembro de 1961-Rememoração Pessoal	Alves, José Lopes	Edição do Autor
Balanço da Colonização Portuguesa	Andrade, Banha de/Mauro, Frédéric/Axelson, Eric/Boxer, C.R./Serrão, José/Kellenbenz, Hermann	Iniciativas Editoriais
Timor Leste	Araújo, Abílio	Edição do Autor
A Geração de Mouzinho e o Pensamento da Revolução Nacional	Azevedo, Ávila de	Edições Panorama
Guerrilha no Deserto	Batoréo, Manuel	Casa Viva
Historia y Tragedia de Guinea Ecuatorial	Bidyogo, Donato Ndongo	Editorial Cambio 16
Angola: Cinco Séculos de Exploração Portuguesa	Boavida, Américo	União dos Escritores Angolanos
Angola – Transição para a Paz, Reconciliação e Desenvolvimento	Bravo, Manuel	Hugin
Prostitutas de Guerra - Mercenários de Hoje	Burchett, Wilfred/Roebuck, Derek	Ulmeiro
Histórias do Zaire	Cabral, Alexandre	Livros Horizonte
Muxima	Cabral, Maria Filomena	Brasília
O 25 Abril e o Ultramar	Caetano, Marcello	Ulmeiro
O Imposto de Palhota e a Introdução do Modo de Produção Capitalista nas Colónias	Capela, José	Edições Afrontamento
O Problema Colonial	Capitão, J. Pedro	Assírio & Alvim
Baixa & Musseques	Cardoso, António	Edições 70
Timor - Os Anos da Resistência	Carrascalão, Maria Angela	Mensagem
Timor – Quem É O Culpado?	Cascais, António M. Cravo	Braga
O Sistema Colonial Português em África (Meados do Século XX)	Castro, Armando	Editorial Caminho
Sete Palmos de Terra e um Caixão	Castro, Josué De	Seara Nova
Em Defesa de Joaquim Pinto de Andrade	Coelho, Mário Brochado	Edição do Autor
Descolonização de Angola - A Jóia da Coroa do Império Português	Correia, Pedro de Pezarat	Editorial Inquérito
Angola do Alvor a Lusaka	Correia, Pedro de Pezarat	Hugin
Mandato do Governador Almeida e Costa - Discursos Mensagens e Comunicados	Costa, Almeida e	Gabinete de Comunicação Social do Governo de Macau
Portugueses na África Do Sul	Cravinho, João Gomes	Cidac
Angola – Os Vivos e os Mortos	Cruz, Pompílio da	Editorial Intervenção
O Ultramar, a Nação e o "25 de Abril"	Cunha, Silva	Atlântida
Descolonização Portuguesa – O Malogro de Dois Planos	Dugos, Carlos	Edições Acrópole
Desporto Para a Liberdade	Feio, Noronha	Diabril
Testemunhas de um País Novo	Fernandes, Álvaro	João da Silveira Caseiro
Máximo Gómez Campesino	Fernández, Alfredo Mestre	Instituto del Libro
Feiras e Presídios	Ferreira, Eugénio	União dos Escritores Angolanos
Les Portugais et les tropiques	Freyre, Gilberto	Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique

Dix ans de lutte contre le colonialisme et l'expansionnisme	Front Plosario	Ministère de L'information et de la Culture de la R.A.S.D.
Notícias da Europa	Galvão, Henrique	Sociedade Cultural de Angola
Portugal e o Mundo: O Futuro do Passado – 2. Timor Lorosae	Gomes, Ana/Seixas, Paulo Castro/Garcia, José Manuel	Centro Nacional de Cultura
Timor Leste um Povo uma Pátria	Gusmão, Xanana	Edições Colibri
Rodésia – O Escândalo das Sanções	Jardim, Jorge	Editorial Intervenção
Moçambique Terra Queimada	Jardim, Jorge	Editorial Intervenção
Reflexões Sobre a Luta de Libertação Nacional	Jika	União dos Escritores Angolanos
Relato dos Acontecimentos de Dalatando e Lucala	Júnior, António de Assis	Prelo
África Austral: A Essência do Conflito	Kokorev, Vladimir e Reznikovski, Anatoli	Prelo
Introdução ao Direito da Cooperação	Leite, Luís Ferreira	Moraes
Goa, o Princípio do Fim do Império - Alguns Documentos	Lemos, Mário Matos e	Estudos do Século XX
Timor – Os Mártires do Silêncio	Ludgero, Inácio/Ameixa, Luís António Pita/Letria, José Jorge	Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo
Geografia da Coragem	Macedo, Jorge	Edições 70
Mensagem ao Povo de Moçambique por Ocasião da Tomada de Posse do Governo de Transição em 20 de Setembro de 1974	Machel, Samora	Edições Afrontamento
Portugal e as Nações Unidas - A Questão Colonial (1955-1974)	Magalhães, José Calvet de	Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais
O 25 De Abril e a Revolução Socialista em Portugal e Colónias	Mandel, Ernest	Edições Antídoto
Angola Juventude em Fuga	Maria, Paula	Braga
Quem Matou Samora Machel?	Marques, Álvaro B.	Ulmeiro
As Mágoas do Império	Martelo, David	Publicações Europa-América
1974 - Cessar Fogo em África	Martelo, David	Publicações Europa-América
El Colonialismo	Marx, Karl	Editorial Grijalbo
Portugal e o Mundo: O Futuro do Passado – 3. Marrocos	Matos, José Luís de/ Rasquilho, Rui	Centro Nacional de Cultura
Moçambique – 7 de Setembro -Memórias da Revolução	Mesquitela, Clotilde	Edições A Rua
O Drama de Timor	Moreira, Adriano	Editorial Intervenção
Massacres em Luanda	Movimento Democrático de Angola	Prelo
A Ilha Agrilhoada	Naidoo, Indres e Sachs, Albie	Editorial Caminho
Quo Vadis Angola?	Neves, A. F. Santos	Editorial Colóquios
As Colónias Portuguesas e o Seu Futuro	Neves, Fernando	Edições & Etc.
A África Deve Unir-Se	Nkrumah, Kwame	Ulmeiro
Teses e Resoluções da 1.ª Conferência	Organização Comunista de Angola	Departamento de Relações Exteriores da OCA
Manual Político do P.A.I.G.C.	P.A.I.G.C.	Edições Maria Da Fonte
Manual Político – Volume 1	P.A.I.G.C.	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
Memórias 1974/76	Pacavira, Manuel Pedro	Qb Comunicação
Moçambique A Escalada do Terror	Passos, Inácio de	Literal
A Igreja e o Tempo	Pinto, D. Manuel Vieira	Ulmeiro
Melo Antunes - Tempo de Ser Firme	Rama, M. Manuela de S./Plantier, Carlos	Liber
Percursos	Ramos, Wanda	Editorial Presença
Portugal e o Mundo: O Futuro do Passado – 5. Brasil	Rasquilho, Rui	Centro Nacional de Cultura
Da Ponte Aérea à Cooperação	Ribeiro, António Gonçalves	Ministério da Defesa Nacional
Uma História de Regressos	Ribeiro, Margarida Calafate	Edições Afrontamento
Sobre a Unidade no Pensamento de Amílcar Cabral	Ribeiro, Sérgio	Tricontinental
4 Países Libertados – Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique	Rodrigues, Paulo Madeira	Livraria Bertrand
Cinco Dias Depois da Independência	Rui, Manuel	União dos Escritores Angolanos
Australianos e Japoneses em Timor II Guerra Mundial – 1941-1945	Santa, José Duarte	Editorial Notícias
15 Meses no Governo ao Serviço da Descolonização	Santos, António de Almeida	Edições Asa
Quase memórias – Do Colonialismo e da Descolonização - 1º Volume	Santos, António de Almeida	Casa das Letras
Quase memórias – Do Colonialismo e da Descolonização - 2º Volume	Santos, António de Almeida	Casa das Letras
Angola na Hora Dramática da Descolonização	Santos, Fernando Barciela	Prelo
O Julgamento dos Padres do Macúti	Santos, João Afonso dos/Rodrigues, Carlos Adrião/Leite, António Pereira/Pott, William Gerard	Edições Afrontamento
A Luta do Ultramar - Tomo I - Volume I	Seabra, Antero de	Edição do Autor
A Luta do Ultramar - Tomo II - Volume I	Seabra, Antero de	Edição do Autor
Operação África – A Conspiração Anti-africana em Portugal	Semedo, Fernando/Guerra, João Paulo	Editorial Caminho
"Dossier Goa" - Vassalo e Silva - A Recusa do Sacrifício Inútil	Silva, Botelho da	Liber
Angola - Comandos Especiais Contra os Cubanos	Silva, Pedro	Braga
A Expedição ao País do Oiro Branco	Soromenho, Castro	Livraria Clássica
Não Chores, Menino	Thiong'o, Ngugi Wa	Editorial Caminho
Timor Terra Sentida	Veladas, António	Publicações Europa-América
Os Dias da Vergonha	Ventura, Reis	Edições Fernando Pereira
O Urso à Porta de Trás	Walker, General Sir Walter	Prelo
Trends In Portuguese Overseas Legislation For Africa	Wilensky, Alfredo Héctor	Editora Pax
Vozes na Sanzala (Kahitu)	Xitu, Uanhenga	União dos Escritores Angolanos
A Prisão do Doutor Domingos Arouca	Zenha, Francisco Salgado	Edições Afrontamento



Bryggen Ruela, de Nuno Anselmo – Menção Honrosa

Troll no seu habitat, de Nuno Anselmo – Menção Honrosa

CONCURSO DE FOTOGRAFIA

Olhar do viajante – Escandinávia

DANDO CUMPRIMENTO a uma decisão da Direcção, foi organizado um concurso de fotografia, destinado aos participantes nas viagens realizadas no âmbito da Associação 25 de Abril.
Uma primeira etapa foi cumprida com a selecção e atribuição dos prémios aos participantes na viagem à Escandinávia, cujos resultados agora divulgamos:

1.º Prémio – Maria Aurora R.M.G. Forte – "Natureza Selvagem"
2.º Prémio – Maria de Fátima Ribeiro da Silva – "Vista da cidade de Bergen"
3.º Prémio – Helena Carneiro - "Geirangerfiord"
Menção Honrosa – Nuno G. C. Anselmo – "Bryggen Ruela"
Menção Honrosa – Nuno G. C. Anselmo – "Trole no seu habitat"

Geirangerfiord, de Helena Carneiro – 3.º Prémio

Natureza selvagem, de Maria Aurora Forte – 1.º Prémio

Vista da cidade de Bergen, de Maria de Fátima Ribeiro da Silva – 2.º Prémio

Ofertas à A25A

Livros: «A Conspiração do silêncio» de Sandra Guimarães; «O Tribunal Constitucional e o Sistema Político» de Luis Ferreira Leite; «50 anos Tratado de Roma – 1957-2007»; «A Sinfonia da Morte» de Carlos Loures; «Portugal trágico – O regicídio» de José Brandão; «O trauma» de H. Bastos Machado; «Fora de portas – Memórias e reflexões» de A. M. Galopim de Carvalho; «Vice-Rei do Norte - memórias e revelações», de Pires Veloso, oferta da Âncora Editora. «As aves levantam contra o vento», de Jorge Carvalheira; «D' Aquém e d' Além Mar»de Conde falcão e José Geraldo, Ministério da Defesa Nacional, oferta do general Luís Sequeira. "Leteracia em Português" de Helena Cidade Moura e outros, oferta do associado Victor Alves. «Vasco Gonçalves, um general na Revolução», oferta Joaquim Rui Lourenço Farinha. «As políticas de educação em discurso directo 1955-1995» e «A Construção Política da educação» de António Teodoro, oferta do autor. «Itinerário do MPLA através de documentos – Vol. II -1961--1962 e Vol. III – 1963-1964» de Lúcio Lara, oferta da Associação Tchiweka. «Nó Cego» de Carlos Vale Ferraz, oferta do autor. «Morte na Picada» de Antunes Ferreira, oferta do autor. «Marchas, Danças e Canções» de Fernando Lopes Graça, oferta da Academia de Amadores de Música Lopes Graça. «Imagens da agência 2008», oferta da agência LUSA. «Gota d' água» de Carlos Cardoso Luis, oferta do autor. «O 'Novo Terrorismo' e a 'Velha História' – da teoria substanciada à sua prática», de Ten-Gen. José Lopes Alves, oferta do autor. «El salto a la embajada de España en Lisboa del 27 de septembre de 1975», de José Luis del Riego Santos, oferta do autor. «A Retirada de Guileje – 22 de Maio de 1973» de Alexandre Coutinho e Lima, oferta do autor. «As transmissões militares – da Guerra peninsular ao 25 de Abril» oferta dos autores do projecto; «Fotoleituras». «Fotografias – antologia de fotografia e Poesia sobre o concelho de Almada», «Álbum de Acenos», oferta de José Luis Guimarães; Peça em mármore homenagem ao 25 de Abril, oferta de Vasco Lourenço; Dois trabalhos efectuados pelos alunos da Escola EB 2, 3 de Briteiros e um DVD «O Sonho»; documentos sobre os militares de Engenharia e o 25 de Abril – oferta do sócio Pinto Soares. ■

REGRAS DE CONSULTA

Biblioteca da A25A

1. Todas as publicações existentes na Biblioteca da Associação podem ser consultadas durante o horário de funcionamento dos serviços administrativos (09.30 às 12.30 e 13.30 às 17.30), utilizando para o efeito a sala de leitura do 3º andar da sede da Associação.

2. A requisição para leitura domiciliária das publicações não periódicas, por um período de duas semanas, é reservada exclusivamente aos associados da A25A..

3. O prazo indicado no parágrafo anterior pode ser prorrogado, quando solicitado pelo associado, quando for manifesta a impossibilidade da leitura em tal período. ■

Sonho

Aqui estou preso
Aqui estou sem liberdade
Sem liberdade para voar
Nos céus da democracia
Mas não posso falar
Pois um criminoso seria
Mas seria um bom criminoso
Pois pela liberdade lutaria
E mesmo na prisão
Ainda sonho a democracia
Mas mesmo assim
Este poema vou editar
para que se saiba o que ando a sonhar»

João Espada Rodrigues
E.B.2,3 - D. António da Costa
Ano Lectivo 2007/2008»

Viagem à Jordânia – 2009

Confirmamos a realização desta viagem, nas seguintes condições:

Data: de 31 de Maio a 7 de Junho de 2009

Circuito e programa: 1.º dia, Porto-Lisboa/Amã (viagem em voo regular Lufthansa, via Frankfurt); 2.º dia, Amã – Madaba – Monte Nebo – Kerak – Petra; 3.º dia, Petra (visita a uma das Sete Maravilhas do Mundo; 4.º dia, Petra – Wadi Rum – Aqaba (passagem e passeio pelo deserto onde foram rodadas as cenas do filme Lawrence da Arábia), após o pequeno-almoço, partida ao longo do Sul do deserto em direcção a; 5.º dia, Aqaba – Mar Morto (visita da cidade considerada o maior centro turístico da Jordânia sobre o Mar Vermelho); 6.º dia, Mar Morto – Castelos do Deserto – Amã; 7.º dia, Amã –Ailum – Amã (visita da cidade de Amã e da Cidade das Mil Colunas); 8.º dia, Amã/Lisboa-Porto (viagem em voo regular da Lufthansa, via Frankfurt).

Regime de pensão completa com alojamento em hotéis de 5 estrelas.

Preço por pessoa: em quarto duplo: 1.550,00 €; suplemento em quarto individual (opcional): 500,00 €; taxas de aeroporto, combustível e segurança: 198,00 € (sujeito a alteração).
Confirmação da reserva e pagamentos: pagamento até ao dia 21 de Fevereiro de 2009 de 400,00 € por pessoa e entrega de uma fotocópia do passaporte com validade superior a 6 meses, à data da viagem. Pagamento até 23 de Março de 2009 de 600,00 € por pessoa. Pagamento até 11 de Maio de 2009 de 550,00 € + Taxas + Suplemento de quarto individual.

Viagem à Patagónia (Chile e Argentina) – 2009

Está numa fase já adiantada, a organização desta viagem, que pretendemos realizar. Embora ainda não esteja fechada a fase de negociações com as agências de viagens, podemos já avançar com alguns elementos informativos:

Data: entre a segunda quinzena de Outubro e a primeira quinzena de Novembro.

Circuito e programa: 1.º e 2.º dias, Porto/Lisboa –Santiago do Chile (viagem em voo de companhia a indicar via Madrid) - Visita à cidade de Santiago do Chile; 3.º Dia, Santiago do Chile – Valparaiso - Viña Del Mar – Santiago do Chile; 4.º Dia, Santiago do Chile – Puerto Montt (avião) – Puerto Varas; 5.º Dia, Puerto Varas – Cruzeiro Andino - Bariloche; 6.º Dia, Bariloche – Circuito Chico – El Calafate (avião); 7.º Dia, El Calafate – Glaciar Perito Moreno – El Calafate; 8.º Dia, El Calafate – Glaciares Upsala e Onelli – El Calafate; 9.º Dia, El Calafate – Ushuaia (avião); 10.º Dia, Ushuaia – parque nacional – Comboio do fim do mundo – Canal Beagle – Ushuaia; 11.º Dia, Ushuaia – Buenos Aires (avião); 12.º Dia, Buenos Aires; 13.º Dia e 14.º Dia, Buenos Aires – Lisboa/Porto.

Regime de pensão completa com alojamento em hotéis de 4 estrelas.

Preços e condições de pagamento a informar oportunamente.

NOTA: os interessados devem fazer a sua pré-inscrição, para efeito de prioridade de garantia de lugar.

NA MORTE DE

Ao Carlos Camilo

VASCO LOURENÇO

MAIS UM VELHO companheiro e amigo decidiu partir para o Grande Oriente, onde todos iremos parar. Desta vez foi o Carlos Camilo que, pela precocidade e pelo inesperado a todos nos apanhou de surpresa.

Mais antigo que ele três anos, na entrada na carreira militar, a vida fez-nos encontrar nas Caldas da Rainha, no velho RI5, onde facilmente nos fizemos amigos.

Alguns anos depois, foi essa amizade que nos juntou, com outros amigos e companheiros – o destino quis que um deles, o Bicho Beatriz, partisse pouco antes do Carlos Camilo – para lançarmos o que seria o Movimento dos Capitães. Recordo bem – oh como recordo! - no regresso de Alcaçovas, o Camilo a dizer-me: "Já demos a picadela no elefante adormecido! Agora, outros que avancem!" Pois é, tal como então lhe disse, ele não foi capaz de se afastar, satisfeito com o que já fizera até ali. E, agora já com novos companheiros que se jantaram a nós, continuou a conspiração e no dia 25 de Abril lá estava no seu posto, na sua unidade, o BC5, a tomar conta do quartel, apoiando as forças que o Fontão comandava, também com o Bicho Beatriz, mas já sem o Antero Ribeiro da Silva, que como eu fora afastado para as Ilhas, e a contribuir decisivamente para que essa sua unidade fosse "apenas" uma das principais e decisivas no derrube do velho regime ditatorial e repressivo de quase cinquenta anos.

Assim integrando o colectivo dos militares de Abril que entraram para a História do nosso Portugal, aí ficando numa das suas mais belas páginas.

Não se ficou por aí o Camilo. Sempre disponível, o seu papel no MFA foi de enorme importância, como um dos que ficaram nas unidades, dando força à componente que conseguiu impor o cumprimento do seu Programa, consubstanciado na aprovação de uma Constituição verdadeiramente democrática. Essa sua disponibilidade levou-o a acompanhar o Vítor Crespo, quando foi necessário agarrar o processo de Moçambique, constituindo-se como uma das peças mais importantes da equipa que liderada pelo Capitão de Abril, agora almirante, consubstanciou o processo de descolonização/independência desse novo país irmão.

Sempre interveniente, comigo colaborou voltando a constituir peça importante, quando assumi o comando da Região Militar de Lisboa. O facto de ser um dos "capitães do Vasco Lourenço" estaria mais tarde na origem de uma perseguição da hierarquia do Exército, que nem a sua inegável e indiscutível capacidade militar evitaria. Como lhe disse várias vezes: "Eles nunca lhe perdoariam!"

Ainda por cima, porque, sempre activo foi um dos principais dinamizadores da constituição da Associação 25 de Abril, pelo que pertenceu às suas primeiras direcções.

Por isso, mesmo quando se decidiu afastar de uma actividade mais intensa na nossa associação, nunca foi visto como um deles. O facto de nunca abdicar da sua qualidade de Militar de Abril, de nunca renegar os nossos valores e nunca aceitar o rótulo de "arrependido", impediu-o de integrar o pequeno grupo de Militares de Abril que atingiram as três ou quatro estrelas. Ficou perto, mas… não ficou sozinho. Outros lhe fizeram companhia, de que o exemplo maior é o Pezarat Correia, "apenas" um dos mais distintos e capazes generais do nosso Exército!

O passar dos tempos, como sempre acontece, minorou os rancores, permitindo ao Camilo uma melhor integração nas estruturas militares. E assim o vemos, mesmo depois de passar à reserva, a contribuir decisivamente para a "nova" Liga dos Combatentes, que há algum tempo já deixara de ser uma instituição fortemente conservadora e até reaccionária.

Foi essa sua permanente disponibilidade, agora numa missão de dignificação dos militares que morreram na Guerra Colonial e aí foram enterrados, que terá acelerado a sua precoce partida. A última vez que falei com o Camilo foi precisamente quando me telefonou de Farim, terra guineense onde eu fizera a Guerra Colonial, a dar-me conhecimento da acção que aí o levara e da sua enorme satisfação pelo desempenho que o Viriato Gonçalves, meu primeiro-sargento naquelas paragens, estava a ter como seu colaborador, por mim indicado em consequência do pedido que me fizera. Nunca mais falei com ele, não sabia dos seus problemas de saúde, e uns dias depois sou surpreendido pela inesperada e brutal informação dada por um dos nossos amigos e grande Capitão de Abril, o Carlos Clemente: o Carlos Camilo deixara-nos…!

Muito poderia ter escrito sobre ti, sobre a nossa amizade, sobre a nossa caminhada comum, numa aventura maravilhosa. Desculpa-me que apenas tenha sido capaz de passar ao papel este breve desabafo.

Até sempre, Carlos!

Um grande, grande abraço de amizade. ■

Meu amigo

ANICETO AFONSO

CONHECI O CARLOS CAMILO em Moçambique, já depois do 25 de Abril. Acompanhou o almirante Victor Crespo quando este foi nomeado alto-comissário do Governo de Transição. Durante este período crucial do processo de independência de Moçambique, entre Setembro de 1974 e Junho de 1975, tivemos funções muito próximas de grande responsabilidade na estrutura militar portuguesa presente em Maputo.

O Camilo compreendeu sem qualquer dúvida qual o nosso papel no processo de transmissão de poderes, em cumprimento do Acordo de Lusaca celebrado entre o governo português e a Frelimo. Devíamos defendê-lo sem transigências, prestigiando o MFA, o governo português e Portugal. O Carlos Camilo nunca deixou de se guiar por princípios de firmeza e lealdade, assumindo naturalmente o seu papel como figura emblemática do 25 de Abril – era afinal dos poucos presentes em Moçambique que tinham participado nas operações daquele dia em Lisboa. Mas nunca invocou tal qualidade para fazer valer os seus pontos de vista. As suas intervenções pautaram-se sempre pela moderação, pela clareza e pela convicção.

Nos momentos difíceis que vivemos durante o período de transição, o Camilo conservou sempre uma atitude de serenidade, procurando as melhores soluções e intervindo com grande disponibilidade, sendo marcante a sua coragem em algumas situações de conflito, cuja resolução assumiu pessoalmente.

A sua afabilidade e facilidade de relacionamento granjearam-lhe muitas amizades entre todos os que com ele contactaram, amizades que se mantiveram muito para além desse período crucial do processo de descolonização de Moçambique. Muitas duraram para sempre.

Terminada a nossa presença em Moçambique, fomos ainda chamados por diversas vezes a cumprir missões especiais junto das autoridades daquele novo país. O Camilo nunca vacilou perante essas missões, por mais difíceis que elas se apresentassem. Foi sempre seu timbre não deixar em meio as tarefas que assumia. Como seu companheiro de muitas dessas missões, desde muito cedo percebi que o Camilo nunca desistia, até conseguir o que considerasse uma boa solução.

Habituei-me às suas permanentes lutas por princípios e por causas e sinto-me confortado por ter sido seu amigo. ■

Ao Camilo

JOSÉ CARDOSO FONTÃO

AS INCONGRUÊNCIAS DO ACASO na vida fazem de mim um velho arauto de dois jovens capitães que quase se juntaram na morte e com quem me conjurei na clandestinidade do Movimento de Capitães, depois na multiplicidade de tarefas que, a partir da manhã do dia 24 até à madrugada do dia 25 de Abril, permitiram o cumprimento da missão fundamental de mínus militar que nos coube e em consciência imoluta de boa-fé.

Recém-chegado ao Batalhão de Caçadores 5, depressa percebi que o Camilo era um militar muito diligente, cheio de genica e conhecedor dos cantos à casa. Foi isso que tive em conta quando decidi acompanhar de perto a manobra de conquista dos objectivos operacionais e atribuir ao Camilo a responsabilidade pela segurança do aquartelamento, bem como pelas actividades logísticas de apoio. Nunca me arrependi de o ter feito, bem pelo contrário.

O Camilo desembaraçou-se magnificamente, melhor do que pudesse eu fazer, naquele trabalhoso encargo de reforçar a segurança interna e externa, de preparar o remunciamento e o apoio sanitário, de garantir o funcionamento dos serviços, a distribuição do rancho no exterior, o cumprimento de tarefas adicionais como foi a deslocação inopinada de um pelotão para garantir a segurança da casa do ordnão general Spínola, ou de acolher uma multidão de membros das forças de segurança, da Legião Portuguesa, da DGS ou seus informadores, interceptados nas nossas barragens, entregues ou denunciados, de recolher as respectivas armas, etc., etc., etc.

Pode-se imaginar o que foi aquele dia do Camilo longe dos palcos da acção, assoberbado pelas circunstâncias, quase tudo improvisado com pessoal que regressava da pernoita em casa, pois me vi obrigado a mandar executar o "toque à ordem", deixando sair pessoal para não denunciar as nossas intenções, ou então recorrendo a especialistas e até a elementos da banda de música para tapar os buracos na constituição de forças e nas tarefas logísticas.

Quero salientar a forma como executou em pormenor o dispositivo de segurança exterior que tínhamos planeado e que permitiu complementar os cercos montados pela companhia do capitão Bicho Beatriz em S. Sebastião da Pedreira e pela companhia do tenente miliciano Mascarenhas em redor do Rádio Clube Português, de um modo que isolou a "Colina das Revoluções" num perímetro com a Praça de Espanha e o Alto do Parque Eduardo VII, ficando cortados todos os movimentos apeados ou motorizados naquela zona central de Lisboa.

Melhor falará o Vasco Lourenço da pessoa deste seu grande amigo, mas quero ainda evocar que só na magia daquele tempo, na espantosa e fulminante tomada de consciência duma geração de jovens capitães, na dedicação, entrega e competência que tomou de cima abaixo todos os executantes quando, naquela madrugada, se meteram à aventura, poderemos então encontrar o sentido das coisas. O resto será a História sempre contraditória dos Homens.

É nesse espírito perdido, reencontrado, a reencontrar, que homenageio o Camilo e, com ele, todos os puros desse tempo que já nos deixaram. ■

Um adeus ao Bicho Beatriz

JOSÉ CARDOSO FONTÃO

CONHECI O BICHO BEATRIZ quando, nos princípios de 1974 cheguei ao BC5. Pertenceu ao núcleo inicial do Movimento de Capitães e como tal nos conjurÁmos para, logo de seguida, nos confrontarmos com a situação provocada pela Revolta das Caldas.

Naquela situação obscura, recebeu ordem do Comandante para interceptar a coluna que vinha a caminho de Lisboa. Conspiratívamente, optámos por dar cumprimento à ordem, indo ele ligado connosco e preparado para que a sua companhia e nós aderíssemos aos revoltosos, se as informações o viessem a aconselhar.

Tal não se verificou, mas logo ali o Bicho Beatriz mostrou determinação e serenidade para enfrentar essa possibilidade grave de uma intervenção arrisada.

A verdade é que, na manhã do dia 24 de Abril, quando recebemos a directiva operacional e planeamos a acção do nosso Batalhão, lhe atribui a ocupação do Quartel-General do Governo Militar de Lisboa, do ponto de vista militar, o mais importante dos dois objectivos que nos foram atribuídos.

Cumpriu essa missão de um modo exemplar, executando a manobra planeada com grande eficiência e sabedoria táctica, quer na manobra de cerco, quer na ocupação de posições, quer na sequência da acção onde se confrontou com uma situação de tomada de posições pelo piquete da segurança interna. Reagiu com serenidade, parlamentou com os ocupantes, desmotivou-os e, quando lhe pareceu oportuno, fez saltar o portão e lançou o assalto sem resistência.

Bicho Beatriz foi "só" o responsável directo da conquista do objectivo que mais contribuiu para o êxito geral das operações do 25 de Abril, pelo facto de assim se terem desarticulado os meios, a acção de comando e a capacidade de reacção das forças governamentais.

Não foi por acaso que o ministro da Defesa se viu obrigado a "despachar" pelo telefone no seu gabinete e os blindados de Cavalaria 7 enfrentaram a coluna de Salgueiro Maia, pois vinham sob comando do brigadeiro 2.º comandante do Governo Militar de Lisboa para reocuparem o Quartel-General.

Bicho Beatriz reunia todas as condições para ser exaltado por isso e para ser guindado na sua carreira, mas não. Enquanto uns interrompiam as suas comissões e vinham para cá subir na vida, ele seria mandado para Angola em nova comissão militar para regressar nas barbas do 25 de Novembro com o qual, aliás até esteve sintonizado, ao que julgo saber.

O destino, ou a sorte, são nomes invocados em vez do acaso que, por sua vez, sofre grandes empurrões dos figurantes no palco da vida.

O Bicho Beatriz esteve em risco de deixar este mundo sem a mais pequena distinção, que não fosse a mirabolante ideia que passou pela cabeça do general Eanes de homenagear todos os chamados Capitães de Abril na pessoa do Marques Júnior.

Mais tarde ele mesmo arrepiou caminho e promoveu a condecoração a seu bel-prazer de numerosos militares e civis com a Ordem da Liberdade, sendo certo que o deveria ter feito com mais pudor pois, em termos pessoais, teve papel insignificante na conspiração e nenhum na acção operacional. Misteriosamente, um capitão assim, da primeira hora e dos momentos capitais, ficou de fora da lista.

Foi preciso que alguém se lembrasse dele e se juntassem alguns bons ofícios, nomeadamente os do Vasco Lourenço, quase à última hora do último dia do mandato presidencial do senhor doutor Jorge Sampaio, para que fosse por ele prestado um acto de reconhecimento nacional que daqui saúdo, ao conceder-lhe o grau de Cavaleiro da Ordem da Liberdade, para assim se conseguir minorar a injustiça de quem não reconheceu neste capitão uma determinação inequívoca no derrube da ditadura que, note-se, a maioria dos militares não teve.

Mais ainda, o Bicho Beatriz viveu os seus últimos dias numa inquietação angustiada, não só pelos tropeços judiciais que impediram o encaminhamento da vida privada e sentimental do modo que desejava, como pelos entraves que demoraram a sua promoção ao posto de coronel, de forma idêntica ao que muitos alcançaram, em função de uma legislação que, mais uma vez, contemplou uns e não outros. Talvez ainda venha irónica, a título póstumo e sem sentido.

Perante isto, poderá parecer que este homem olhado desleixadamente pela instituição militar, ficou por cumprir, mas não, ele realizou-se a um nível elevadíssimo e numa área afim na vida civil, a da segurança.

Sabendo que ele estava nessa actividade e bem, confesso que fiquei agora surpreendido ao ver o seu extraordinário currículo como formador e formando, não só em Portugal como em inúmeros países estrangeiros e, por sinal, nos mais cotados deste sector exigente e especialíssimo Para o bem e para o mal, a vida é caprichosa, mas não deixo de sentir por ele o prazer de se ver próspero e realizado, pairando acima das mesquinhices que o atingiram.

Além da modéstia e simplicidade com que encobria os seus méritos, é geralmente reconhecido, e nomeadamente pelo seu filho, na conjugação do seu modo de ser bonacheirão, com a exigência de rigor e disciplina.

Os ex-militares do BC5, que nos últimos anos se habituaram à sua presença frequente, muito também o estimaram como homem generoso de boa disposição e afabilidade. Vai fazer muita falta nos nossos convívios.

A doença que prematuramente o levou é mais um marco infeliz, como o do Salgueiro Maia, nas hostes dos mais puros capitães de Abril

Mas que melhor pode um homem desejar do que o comovente e comovidíssimo "Epitáfio de Amor" que ouvi da boca da sua companheira portadora dessas vivências gratificantes e que lhe adoçou as agruras finais?

Repousado que estás, honrado continuarás a ser. ■

A Democracia ficou mais pobre....

CARLOS MORGADINHO

COM A MORTE DO SILVINO NAZARÉ, no dia 11 de Dezembro findo, podemos afirmar que o baluarte da democracia, por estes lados da América do Norte, ficou mais enfraquecida na luta contra a opressão global que, de ano para ano, vai tomando alento e mais força com diferentes aproximações e máscaras. Não é também, neste momento, de entrar em pormenores sobre tudo o que tinha de bom este nosso compatriota e camarada pois apenas o queremos perpetuar a sua dignificante obra e o empenho que sempre demonstrou no enraizar da Revolução dos Cravos nas comunidades lusas radicadas no Canadá. Iniciou, esta actividade, logo que pôs os pés no chão neste grande país de acolhimento, envolvendo-se, logo de imediato, no seio do associativismo, que iniciou na Casa do Alentejo de Toronto, como sócio, onde contribuiu, graciosamente, com o seu trabalho e o seu conhecimento na arte de electricista, que era a sua profissão, no edifício da sua sede social que tinha sido, então, adquirida e carecia de extensas obras de adaptação e melhoramentos. Com a Associação Cultural 25 de Abril de Toronto (Núcleo Capitão Salgueiro Maia) abraçou-a quase desde a sua formação tendo sido director por muitos anos, dos quais nestes últimos quatro, no cargo de vice-presidente da Direcção Executiva e que muito contribuiu para o êxito das comemorações anuais da Revolução que naquele distante 25 de Abril de 1974 libertou Portugal das garras do fascismo que oprimia o seu povo trazendo, como é sabido não só a Liberdade como também a Democracia. Foi cidadão que sempre deu o seu melhor à causa comunitária e que sempre esteve envolvido em projectos cujos fins fossem o preservar e disseminar a cultura de Portugal que ele tanto amava estando, como é de esperar, sempre na vanguarda destas demonstrações de portugalidade.

Foi também o vitalizador na continuidade da nossa revista anual comemorativa quando o desânimo atingia, por vezes, a equipa que estava encarregada no trabalho de elaboração. Era ele, o Silvino, um dos elementos que nunca desistiu na missão que nos empenhámos, um dia, de levar avante na divulgação da Revolução dos Cravos, muitas das vezes com sacrifício, após um dia árduo de longas horas de trabalho. Pugnava pelo senso comum e era um dos membros directivos mais moderadores durante algumas crises e turbulências que, tempos a tempos estávamos expostos.

No período revolucionário do PREC, no então ano de 1975, estava destacado no Batalhão de Pára-quedista em Tancos e, embora não falasse amiudadamente desses tempos, sabíamos quanto vibrou para que Portugal saísse com melhor valia daquela crise bem conhecida por todos nós. Simpatizava, disse-nos algumas vezes, com a causa do saudoso general Vasco Gonçalves afirmando que, naquela época e perante um número significante de factores, seria o governante mais indicado que traria melhores benefícios para o povo português, aquele mesmo povo martirizado durante décadas, com quem o Silvino se identificava. Recordamos há poucos anos atrás da tristeza que o assolou após ter conhecimento da morte do "Companheiro" Vasco Gonçalves. Lamentou, por várias vezes, não lhe ter sido possível estar presente no seu funeral, pois identificava-se com o carácter social daquele militar que muito admirava.

Mas admirava, ao mesmo tempo, todos os capitães que se empenharam na conspiração que levou ao 25 de Abril tais como Salgueiro Maia, Vasco Lourenço, Otelo Saraiva de Carvalho e muitos outros cujos nomes encheriam uma dezena ou mais de páginas desta publicação. Era com grande alegria e frenesi que tomava parte nas boas vindas aos capitães presentes em Toronto para as comemorações tal era a admiração que nutria por esses nossos militares envolvidos na Abrilada de 1974. O mesmo acontecia quando em gozo de férias se deslocava a Portugal e ali, na sede da nossa Associação socializava com os muitos oficiais que por lá apareciam. Tecia as melhores referências sobre as tertúlias com os nossos capitães no restaurante da nossa sede em Lisboa e não só mas também nos convívios que tinha nas suas casas ou noutros restaurantes. Sentia-se bem junto daqueles militares que puseram um fim à guerra nas colónias que tantas mortes e estropiados causou durante aqueles anos todos. Afirmou, por vezes, que não foi só a restauração da liberdade e da democracia que o fez incondicionalmente um apoiante da Revolução dos Cravos mas também devido à cessação daquela estéril guerra cujas cicatrizes eram bem visíveis nas populações da sua província natal do Ribatejo, e do Alentejo também, que visitava com frequência e que eram duas regiões que sentia um carinho extremoso.

Sumarizando estas linhas apenas nos resta dizer que a Associação Cultural 25 de Abril de Toronto perdeu nestes últimos anos alguns dos melhores membros do quadro de directores como o Mário Lebre, Liberal do Couto, Walter Lopes e mais recentemente com o desaparecimento físico, aos 53 anos de idade, do Silvino Nazaré. Vai-nos ser muito difícil recuperar destes golpes de infortúnio nas entranhas duma agremiação que já prima por serem poucos e estes, na sua maioria, constituída por seniores. Mas não desistimos. Vamos continuar na nossa campanha de plantar mais e mais árvores da democracia e liberdade e, sempre que possamos, regá-las generosamente para que os seus ramos cresçam e se alonguem para que desta maneira as suas sombras frondosas possam acolher todos os sedentos daqueles valores democráticos. O Silvino Nazaré assim planeou e nós, os que ficamos atrás, temos a missão de levar até ao fim esses seus sonhos de Fraternidade e Igualdade.

Para ti, Amigo Silvino, que descanses na Paz do Senhor. Até um dia... ■

General Rafael Durão

POR PRINCÍPIO nas páginas de *O Referencial* registamos o falecimento de associados da A25A, infelizmente cada vez mais frequentes, dando maior destaque quando alguém se propõe publicar um texto alusivo. Temos aberto algumas excepções a personalidades que, não sendo associados, se distinguiram na luta anti-fascista ou na preparação, desencadeamento e consolidação do 25 de Abril e do Portugal democrático, isto é, não sendo membros da associação perfilharam os seus ideais.

Hoje abro outra excepção. Rafael Durão não se identificava com a A25A e era-lhe mesmo, presumo, desafecto, se bem que não lhe conheça sobre isso afirmação pública. Mas não deixou de ter um papel na fase conspirativa e no período que se seguiu imediatamente ao 25 de Abril. Conspirou e, conspirando, arriscou.

Foi um militar distinto com provas dadas em campanha. Comandou o Batalhão de Pára-quedistas em Angola onde foi ferido em combate e, na Guiné, comandou um Comando Operacional entrando no círculo íntimo de Spínola. Foi, certamente, nesta condição, mas também por convicções próprias, que representou Spínola em aproximações ao MFA no período conspirativo, não logrando a adesão do Regimento de Pára-quedistas mas contribuindo para a sua neutralidade, o que já foi um trunfo para o movimento. Com a vitória do golpe militar foi nomeado comandante da Região Militar de Coimbra e, depois, foi uma das sete personalidades que Spínola, já presidente da República, designou para o Conselho de Estado. Com o 28 de Setembro de 1974 e a renúncia de Spínola deixou o Conselho de Estado e passou a comandar o Regimento de Pára-quedistas de Tancos.

Da sua fidelidade a Spínola resultou que fosse a sua unidade a servir de base ao 11 de Março de 1975 a cujo planeamento terá sido, porém, alheio. Forneceu as tropas para uma aventura votada ao fracasso. E aqui reside a razão desta nota. Frustrado o golpe em que o seu pessoal embarcara e de que se tornara um dos principais responsáveis, não fugiu, como outros fizeram e ele próprio poderia ter feito, manteve-se no seu posto, assumiu as suas responsabilidades, não abandonou os seus homens na derrota, enfrentou as consequências. A sua atitude digna define um chefe e merece respeito.

Depois disto afastou-se, remeteu-se a um isolamento radical, até que trágica doença o atingiu e tornou esse isolamento alheio à sua vontade. Fomos amigos e contemporâneos no Colégio Militar e Escola do Exército, apesar de eu ser ligeiramente mais novo. Se, depois do seu afastamento, se cruzasse comigo, admito que procurasse evitar-me, mas nunca deixei de ter por ele a estima e consideração que merece um adversário que se respeita e que demonstrou, no outro lado, o carácter e o comportamento que gostaríamos de ver em todos quantos estão do nosso lado.

Por isso quis registar, nas páginas de *O Referencial*, a minha homenagem sentida ao Rafael Durão. ■

PPC

Associados falecidos. Registamos o falecimento de Luís Flávio da Costa Fazendas (sócio efectivo), Fausto Melo Águia (sócio fundador), João António Duarte Figueira (sócio fundador), Carlos Manuel Costa Lopes Camilo, (sócio fundador), Laura Alves Ferreira Borga (apoiante) Às famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências. ■

Convites feitos à A25A

Reitoria da Universidade de Lisboa, abertura do ano lectivo de 2008/2009, 03-11-2008; Armazém das Artes, inauguração da exposição "Modelar o Espaço e Desenhos" de António Soares", 25-10-2008; MDM e CPPC, debate "Mulheres em Cenário de Guerra", 25-10-2008; Direcção do Museu Nacional da Imprensa e Direcção do jornal "Público", inauguração da exposição de "Jornais Escolares", 28-10-2008; Direcção Municipal de Cultura da C. M. Lisboa, conferências "Lisboa do século XVII", 22-10-2008; presidente da Câmara Municipal de Beja, Sessão de abertura da VINIPAX-2008 – Vinhos e sensações do Sul, 24-10-2008; Editora Caminho, apresentação do Livro de Patrícia Portela "Para Cima e não para Norte", 28-10-2008; Esfera dos Livros, apresentação do livro "Catarina de Bragança. A coragem de uma Infanta Portuguesa que se tornou Rainha de Inglaterra", de Isabel Stilwell, 30-10-2008; Editorial Caminho apresentação do livro "A Sexualidade, a igreja, e a Biótica", de Miguel Oliveira Silva, 06-11-2008; apresentação do livro "A Razão dos Avós" de Daniel Sampaio, 4-11-2008; Teatro da Cornucópia, espectáculo "Os gigantes da montanha", 13-11-2008; reitor da Universidade de Lisboa, lançamento do livro " Fora de portas, memórias e reflexões" de A. M. Galopim de Carvalho, 21-10-2008, Concerto "Orquestra Típica Nacional da Venezuela", 03-11-2008; Embaixada de Cuba, concerto de Guitarra do Dueto Cuaresma de Cuba, 27-10-2008; Rancho Folclórico de Danças e Cantares "Os rurais" de Água Derramada, Gala Etnográfica, 2-11-2008; Fundação Mário Soares, protocolo de recepção "Colecção António Pedro Vicente", 30-10-2008; Imprensa de Ciências Sociais e o Museu Militar de Lisboa, lançamento do livro "Como evitar golpes militares" de Luís Salgado de Matos, 30-10-2008; presidente da Câmara Municipal de Coimbra, cerimónia de homenagem ao Alberto Vilaça, 08-11-2008; presidente da EPAL, directora do Museu da Água e o fotógrafo Eduardo Gageiro, lançamento do livro e exposição de fotografia "Silêncios", 6-11-2008; director do Instituto de Defesa Nacional, sessão solene de abertura do ano 2008/2009, 3-11-2008; presidente da Liga do Combatente, Comemoração do 90º Aniversário do Armistício, 15-11-2008; Esfera dos livros, apresentação do livro "Biografia de um inspector da PIDE - Fernando Gouveia e o Partido Comunista Português" de Irene Flunser Pimentel, 06-11-2008; Almedina, apresentação da obra "Patrulha e proximidade - Uma Etnografia da Polícia em Lisboa ", 06-11-2008; O Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, Liga dos Combatentes e Instituto de Estudos Superiores Militares, conferência "O mediterrâneo, o Norte de África e a Ameaça Nuclear", 18-11-2008; Fundação Friedrich Ebert, lançamento do livro "África - Europa Cooperação académica", 10-11-2008; Colóquio "O Peão e a Cidade" 12-11-2008; Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, 119.º aniversário Concerto de gala, 22-11-2008; Biblioteca Museu República e Resistência/Espaço Cidade Universitária e a Embaixada de Cuba, ciclo "50 anos da revolução em Cuba, balanço e perspectivas", 17-11 a 12-12-2008; presidente da Câmara Municipal de Gaia e a Direcção do Círculo de Cultura Teatral – TEP, estreia do espectáculo "Pluft, o Fantasma", 15-11-2008; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e Museu do Neo-Realismo, inauguração da exposição Bibliográfica "Mário Braga – Um escritor no reino Circular, 15-11-2008; presidente da Câmara Municipal da Almada e director do Teatro Municipal de Almada, estreia do espectáculo "Os Antílopes".30-10-2008; estreia do espectáculo "O Presidente" de Thomas Bernhard, 26-11-2008; Círculo de Arte e Recreio, comemorações do 69º aniversário; 15-11-2008; Esfera dos Livros, apresentação do livro "Jogos Africanos" de Jaime Nogueira Pinto, 24-11-2008; A Esfera dos Livros e o El Corte Inglês, apresentação do livro "Entre tachos e tabuleiros" de Victor Sobral, 26-11-2008; Galeria de Arte do Casino Estoril, XXII Salão de Outono de pintura e escultura, 21-11-2008; Refúgio Aboim Ascensão, Inauguração da iluminação de Natal, 1-12-2008; Inter Reformados, 6.ª Conferência nacional, 11-12-08; Editorial Caminho, apresentação do livro " A Viagem do Elefante" de José Saramago, 3-12-2008; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, ciclo de encontros "Guerra Colonial: realidade e ficção", 29-11-2008; Reitoria da Universidade de Lisboa e a Embaixada da República Islâmica do Irão, Conferência de Abertura – Semana Cultural do Irão na Universidade de Lisboa, 2-12-2008; espectáculo "Wishah Popular Dance Troupe, canto e dança da palestina, 3-12-2008; presidente da Câmara Municipal de Almada, e presidente da Junta de Freguesia de Almada, inauguração de um painel de azulejos de Louro Artur, 6-12-2008; Grémio Literário e a Editorial Caminho, apresentação do livro "Eça de Queiroz – Correspondência", organização e notas de A. Campos Matos; Casa das Letras, lançamento do livro "No Cego" de Carlos Vale Ferraz, 10-12-2008; Esfera dos livros, apresentação do livro "Mocidade Portuguesa – Homens para um Estado Novo", de Joaquim Vieira, 11-12-2008; Associação de Ginástica do Distrito de Setúbal, cerimónia de tomada de posse dos órgãos sociais para o ciclo olímpico de 2009-2012, 13-12-2008; presidente da Câmara Municipal de Almada, inauguração da primeira peba da EB1/JI do Pragal, 13-12-2008; Concerto de Natal, 23-12-2008; PCP – XVIII Congresso, 29-12-2008; A Barraca, estreia do espectáculo " O Conto da Ilha Desconhecida", 13-12-2008; Fundação Oriente e a editora Tribuna História, lançamento do livro; «Fortalezas, Estado Português da Índia, Arquitectura militar na construção do império de D. Manuel I», de André Teixeira, 20-11-2008; ADFA, visita oficial do Presidente da Republica, 19-12-2008; Comando-geral da GNR e a administração da Sociedade Figueira Praia, inauguração da exposição «Guarda de Honra», 16-12-2008; Câmara Municipal de Almada e o director do Teatro Municipal de Almada, inauguração da exposição "Caixa Negra" de Rodrigo Tavares Peixoto, 10-01-2008, apresentação de «Acamarrados», 07-02-09; ABC Cine-Clube de Lisboa e a EGEAC, "Novíssimos do Cinema Português – 2.ª Mostra" 27-12-08; Fórum pela Paz e pelos Direitos Humanos, sessão de apresentação pública, 6-01-09; Câmara Municipal de Peniche, inauguração da exposição «Evocação dos 75 anos da instalação da prisão política em Peniche», 3-01-2009; Reitoria da Universidade de Lisboa e a MAPA, inauguração da exposição de fotografia «Pessoal e intransmissível» de Miguel Rato e Neuza Faustino, 29-01-2008, Reitor da Universidade Lisboa, cerimónia de outorga das insígnias de Doutor Honoris Causa, 21-01-2009; Escola de Mulheres, estreia do espectáculo «Sétimo Céu», 22-01-2009; A esfera dos livros, apresentação dos livros "Um amor para sempre" de Cristina Freire, 29-01-2009, «A Viagem de Luz e Quim», de Fátima Lopes, 03-02-2009; Associação Intervenção Democrática, debate "Aumento da Insegurança. Porquê?", 24-01-2009; Universidade de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Província Portuguesa de Jesus, concerto de comemoração do 400.º aniversário do nascimento do Padre António Vieira; 06-01-2009; reitor da Universidade de Lisboa, conferência «As dimensões sociais e humanas das alterações climáticas», 27-01-2009; Conselho de Administração da EGEC e a Bertrand Editora, lançamento do livro «Lisboaesperience – Lisboa uma cidade com alma» de Carlos Fogaça; 02-02-2009; A Barraca – estreia da peça «Peça para dois» de Tennessee Williams, 31-01-2009; presidente da Câmara Municipal da Maia, concerto pela Orquestra Clássica de Espinho e pelo Coro dos Amigos da Academia de Música de Espinho, 6-02-2009; Associação Nacional de Sargentos, «Comemorações do 31 de Janeiro de 1891 – Dia Nacional do Sargento», 31-01-2009; Escola Superior de Educação Almeida Garrett, «O Janeiro» de Miguel Torga, 16-01-2009; delegado Distrital da Fundação INATEL – lançamento de «Os Trabalhadores Laneiros do distrito de Leiria» de Kalidás Barreto, 31-01-2009; Câmara Municipal de Almada, estreia do espectáculo «O Presidente», 26-11-2009; Galeria de arte do Casino Estoril, exposição de pintura, escultura gravura, 18-02-2009. ■

Jantar-convívio em Grândola

A DELEGAÇÃO DO ALENTEJO organizou e levou a cabo um jantar-convívio, a 24 de Outubro, no recinto da Feira de Grândola, gentilmente cedido pela respectiva Câmara Municipal, nosso Sócio Colectivo.

Algumas dezenas de sócios e de outros democratas defensores dos valores de Abril saborearam uma excelente caldeirada de borrego à alentejana, para além de diversos manjares locais. No Pavilhão, devidamente decorado, tivemos o prazer de ouvir mornas e coladeras interpretadas por um conjunto de amigos cabo-verdianos.

Sem discursos, sem quaisquer solenidades, foi mais uma forma de confraternizar, em tomo de Abril!

Vamos aprender Bridge! (79)

LUÍS GALVÃO

NÃO PODERIA abandonar o capítulo dos SQUEEZES sem referir as armas ao dispor da DEFESA que permitem contrariar, ainda que apenas em alguns casos, os efeitos mortais daquelas manobras de carteio.

Nem sempre será possível a DEFESA contrariar as intenções do carteador em montar e executar um determinado SQUEEZE mas, em muitas situações, pode e deve reagir, utilizando os meios ao seu dispor por forma a, eficazmente, se precaver ou destruir a "armadilha" que lhe estão a preparar.

1 – O CARTEIO

1.5 – A DESQUEEZIFICAÇÃO

O termo DESQUEEZIFICAÇÃO é um galicismo que teve origem numa feliz expressão atribuída a Jacques Blaizot que traduz, na evidência, as acções que a defesa pode desencadear para contrariar a execução, por parte do carteador, de um eventual squeeze.

Ao longo dos artigos em que abordámos o tema dos SQUEEZES não deixámos de referir que essa manobra se caracterizava por uma frequente aleatoriedade, era de frágil consistência e, muitas vezes, condicionada pelas iniciativas dos ADV.

Facilmente aceitarão que as iniciativas dos flancos poderão surgir por formas diametralmente distintas: ou por erro ou por inabilidade do flanco sendo, em qualquer destes casos, altamente favoráveis para o declarante ou, em resultado duma adequada estratégia da defesa, complicando ou mesmo inviabilizando o cumprimento do contrato.

É óbvio que será na óptica duma eficaz acção por parte do flanco que a DESQUEEZIFICAÇÃO se enquadra e que justifica a atenção que os praticantes lhe devem dedicar, enquanto que os erros do flanco pertencem a um outro universo.

Referimos, com algum ênfase, que para a execução dum SQUEEZE a manobra depende não só da colocação de determinadas cartas na mão de um ADV específico como também:

– da existência de adequadas AMEAÇAS
– de COMUNICAÇÕES asseguradas entre a mão
– do carteador e o morto
– da execução atempada do AJUSTE.

Se estas três condições são, normalmente, indispensáveis que se verifiquem e coexistam na montagem e execução do SQUEEZE, torna-se evidente que a estratégia defensiva contra essa manobra de carteio terá de passar, obrigatoriamente, pelo ataque a qualquer um desses"pilares" técnicos necessários à construção do golpe idealizado pelo carteador.

É natural que uma qualquer acção defensiva, para ser desencadeada com êxito, deve ser consequência directa duma adequada "leitura" prévia que identifique a provável LINHA DE JOGO escolhida pelo declarante. Só após essa dedução será possível, de forma sustentada, reagir eficazmente à manobra idealizada pelo carteador.

A "táctica" atrás apontada tem aplicação generalizada, qualquer que haja sido a LINHA DE JOGO escolhida pelo carteador. Temos consciência de que umas linhas de carteio serão de mais evidente detecção pelos ADV enquanto que outras, mais sofisticadas ou pouco frequentes serão menos, ou muito menos, identificáveis pelos flancos.

A leitura atempada de que o carteador se prepara para montar e "mimosear-nos" com um incómodo squeeze não é, na maior parte das situações, uma tarefa fácil. Antes requer concentração, acuidade na leitura das mãos, contagem adequada das mesmas e conhecimentos técnicos indispensáveis à identificação do problema que se apresenta.

Abordada teoricamente a questão da DESQUEEZIFICAÇÃO passemos à aplicação prática dos conceitos apresentados para a defesa contra o SQUEEZE.

a – DESTRUIÇÃO DAS AMEAÇAS

	♠ R72 ♥ A853 ♦ 8763 ♣ A5	
♣ A64 ♥ R2 ♦ ARD10 ♣ 10873	N W E S	♠ 8 ♥ V10964 ♦ 954 ♣ V942
	♠ DV10952 ♥ D7 ♦ V2 ♣ RD6	

W	N	E	S
1♦	P	P	2♠
P	3♠	P	4♠
P	P	P	

Saída: A♦

N/S, num torneio de equipas e talvez por sentirem estar a perder o encontro, marcaram um contrato puxadíssimo e utilizando um leilão algo rudimentar. A marcação atingida não vai ser assunto de qualquer análise porque a mão e o contrato apenas servirão como modelo sobre o SQUEEZE e a DESQUEEZIFICAÇÃO.

Após a saída de W o carteador analisou o morto e contabilizou 4 perdentes:

1 a ♠
1 a ♥
2 a ♦
4

Perante a situação concluiu que só um milagre, um erro de "palmatória" do flanco ou um SQUEEZE o poderiam fazer cumprir o contrato. Como não controlava as duas primeiras hipóteses concentrou toda a sua atenção na última possibilidade.

A abertura de W fazia supor que esta jogada detivesse o R♥ e se o naipe de saída tivesse 4 cartas era possível montar um SQUEEZE SIMPLES SOBRE A ESQUERDA entre ♦ e ♥.

Após esta análise mandou jogar o 3♦ do morto e perdeu a vasa de saída. W continuou com o R♦ que fez e, perante o aparecimento do V♦ em S e da sinalização de E que ao jogar primeiro o 4♦ e depois o 5♦ indicava possuir um número ímpar de cartas (3), pensou que o cabide poderia ser conseguido com o R♣ eventualmente na posse do parceiro pelo que mudou o flanco apresentando o 7♣ na terceira vasa.

O declarante agradeceu a mudança e fez a vasa com o A♣ jogando, de imediato, trunfo sobre o qual W entrou com o A♠ apenas na segunda volta do destrunfo e apresentando, de seguida, o 3♣. O carteador entrou com o R♣ e foi ao morto no R♠ para jogar o 7♦ que cortou na mão, batendo os restantes trunfos tendo chegado à seguinte posição final:

	♠ - ♥ A8 ♦ 8 ♣ -	
♠ - ♥ R2 ♦ D ♣ -	N W E S	♠ - ♥ V10 ♦ - ♣ V
	♠ - ♥ D7 ♦ - ♣ D	

Ao ser batida a D♣, W foi irremediavelmente squeezado porque não podia baldar nem a D♦ nem o 2♥ sem entregar uma vasa ao ADV.

Perante a armadilha que lhe fora montada W sentiu que a desgraça lhe batera à porta mas não se apercebeu, ou fê-lo tarde demais, que fora ele que menosprezara o potencial encerrado no 8♦ na sua qualidade de possível AMEAÇA ISOLADA sobre o flanco esquerdo. Ao não continuar o ataque no naipe de ♦ na terceira vasa não pôde fazer desaparecer o fatídico 8♦ quando, ao ter a mão no A♣, o poderia e deveria tê-lo feito. Se tivesse jogado desta forma teria destruído a AMEAÇA necessária ao carteador para consumar o SQUEEZE.

O drama aqui relatado só aconteceu porque a defesa (W) não conseguiu "ler" o perigo representado pela não DESTRUIÇÃO DA AMEAÇA que, como referimos, constitui uma das armas utilizadas na DESQUEEZIFICAÇÃO.

Sabemos que não é fácil a tarefa do flanco na detecção do perigo existente num eventual SQUEEZE montado pelo carteador e que contrariar tal manobra requer conhecimentos técnicos mas, como diz VICTOR MOLLO com a sabedoria que o caracteriza: "Um dos maiores atractivos do Bridge reside na possibilidade constante de melhorar a qualidade do nosso jogo sem cairmos no risco de alcançar a perfeição."

Até ao próximo número. ■